

## O chão da clínica IV<sup>1</sup>

(Seminário Clínico EBP-Rio 2025)

### A fantasia e a repetição

Marcus André Vieira

*Esse real, onde o encontramos? É, com efeito, de um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu - de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole. (...) Aquilo com que precisamente temos que trabalhar é com esse tropeção, esse fisgamento, que reencontramos a todo instante. É [esta a] função da tiquê, do real como encontro - (...) que essencialmente é encontro faltoso.<sup>1</sup>*

A proposta deste Seminário consiste em estabelecer um solo comum em relação a alguns conceitos-ferramenta que compõem nossa prática cotidiana. O trabalho é pensar como essas ferramentas são usadas e como ordenam nosso fazer. São elas que fazem nosso chão.

O primeiro conceito-ferramenta que trabalhamos foi o de sujeito. Esse conceito aparece como função. A *função-sujeito* se propõe a ser ferramenta de análise desde que seja assumida pelo praticante como espaço vazio, lacuna - não puro vazio, mas entre-dois, entre elementos significantes de uma história. É um espaço que se apresenta desde que seja acionado, o que pede a aposta do analista de contar com que sempre haverá algum momento em que uma lacuna se apresentará.

Neste espaço, agora ponto de interrogação, vêm se apresentar lembranças, memórias e fragmentos que não encontravam lugar. E, vejam, apenas ali, onde há espaço que não se quer completar é que podem vir as memórias do que sempre descompletou. Esse é o lugar em que comparece não apenas uma memória sujeito, mas as tantas outras de tantos sujeitos que fomos em nossas histórias. Aqueles que pudemos assumir como fazendo parte do “eu”, da subjetividade oficial. São os sujeitos de nossas lembranças esquecidas que, para resumir, Lacan reuniu no singular e chamou *sujeito do inconsciente*.

A seguir, vimos como esta função-sujeito será utilizada por Lacan para definir a transferência. Ele propõe um pequeno deslocamento que denominou *sujeito*

---

<sup>1</sup> Texto redigido por Juliana Villa-Forte com base nas notas do autor e na transcrição do quarto encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, dia 11/08/2025. Versão final do autor.

*suposto saber*. A função será retomada, deixando, porém, de ser apenas um ponto de interrogação em tanto meio a uma história pessoal para ser pensada no próprio espaço da transferência. Desse modo, a hiância do sujeito, lugar da surpresa e da novidade, continua entre dois, deslocada para o espaço entre analista e analisante. A lacuna que surpreende não poderia ser situada como propriedade das falas do analista, já que, nesse caso, só em seu discurso poderia se materializar o novo. Tampouco poderia se apresentar apenas em meio as falas do analisante, pois, por ser um espaço virtual, poderia facilmente se fechar e desaparecer pelas mesmas razões que desaparece no dia a dia - pelo desejo do eu de ser completo e redondinho.

O bom lugar é entre analista e analisante. Ali, quando se projetar o inconsciente como memória do esquecido, o espaço do sujeito não se fechará como tende a ser. De fato, alguma lembrança que se apresente como verdade definitiva será incapaz de selar este espaço, já que ela estará ligada a alguma coisa imprecisa do analista.

Essa coisa imprecisa do analista não é um saber, pois ele poderia mais cedo ou mais tarde ser apropriado pelo analisante identificando-se com seu analista. O essencial é que seja algum traço, pouco definido de preferência. Quando há alguma coisa assim do analista no jogo, a coisa segue, se relança.

Desta forma Lacan inclui o analista, seu corpo e sua presença, não como aquele que sabe, mas como quem tem alguma coisa permitindo que, entre ele e seu analisante, *isso* fale.

Nosso terceiro encontro foi justamente sobre este aspecto - aspecto, agora, não mais de lacuna, mas de gozo da transferência. O analista passa a sustentar não apenas a presença de um lugar onde lembranças se projetam, mas a presença de um gozo – este que é vivido, mas impossível de ser assumido. Essa fração de gozo, que se apresentará para cada um nas mais diversas formas, é o que Lacan chamou de objeto a.

### **Objeto em cena**

Para este encontro, a ideia é propor a *fantasia* como instrumento para lidar com esse objeto, que, a partir deste ponto, será tomado como objeto da repetição.

Partiremos do que Lacan propôs no *Seminário 11* - plano que estamos neste momento - que foi separar transferência e repetição. Até então, a repetição era o modo pelo qual se compreendia a transferência: repetição dos fantasmas do passado na pessoa do “analista tela em branco”. Lacan vai dizer que isso não é o essencial; se, na pessoa do analista projetam-se memórias é justamente porque

existem o sujeito suposto saber e o objeto a em ação. A análise tem tanto este furo do sujeito quanto esse algo mais, alguma coisa que pode ser ouro, quando fora de acesso, como *ágalma*, e *palea*, resto, dejetivo a ser ejetado quando em cena – e é por isso que há repetição, como veremos.

Por que estamos sempre repetindo? Repetimos porque não podemos nem ser felizes, nem deixar de tentar. Seguimos buscando porque o gozo que temos nunca é exatamente o esperado, sempre falta alguma coisa. Como vimos no encontro passado, esse objeto do gozo faltante é aquilo que faltaria para um gozo sem falhas ou, em outros termos, para que a relação sexual existisse. É neste sentido que este objeto se perde a cada vez, pois, se a relação sexual existisse, o mundo se desvaneceria.

Lacan designou o termo *fantasia* para nomear uma espécie de matriz que organiza os caminhos desta perda e reachado incessantes inserindo-as no plano da repetição. Neste sentido, a fantasia, como uma fórmula ou um conjunto de regras, é, também, uma estruturação subjetiva.

Trata-se de uma montagem, uma organização das fixações de gozo - históricas e meio aleatórias - que foram deixando marcas através da ação do Outro, até que se montaram e passaram a funcionar como uma *semi-orquestra*.

Como uma espécie de ordenação, funciona para que se possa sempre encontrar, desencontrando-se. A fantasia, com Lacan, não é um campo de devaneios livres e criativos, mas, ao contrário, apesar das suas mil variações, esconde um enredo repetitivo.

Esse enredo é também sempre uma resposta ao desejo, que pergunta sobre o que quero gozar e como quero gozar. A fantasia responde localizando um gozo temporário, mas possível - coloca o objeto em cena, porém disfarçado e sempre de modo parcial.

### **Repetição neurótica**

Estruturalmente, a repetição é igual a si mesma – com a mesma estrutura de cenário -, porém sempre rica em variações de cenário. A eterna busca pelo que falta é uma repetição, ao mesmo tempo, diferencial e monótona, pois produzirá, nos mais variados enredos, o mesmo desencontro semi-encontrado. Lacan define o *encontro com o real* exatamente neste ponto: é aquilo que volta sempre ao mesmo lugar.

O que uma análise propõe, neste caso, não é libertar o sujeito da repetição, mas permitir que se possa ir decantando, convergindo, reduzindo – como propõe Miller no que se refere à *operação redução*<sup>2</sup>. Decantar até que se chegue às

coordenadas mais básicas da fantasia. Convergir para que se viva a repetição de outro modo – menos preso a seus cenários variados, mais no osso da coisa e, por isso mesmo, com alguma novidade.

O que chamamos de *atravessar a fantasia*, conceito proposto por Lacan nesta época é justamente a ideia de que, embora não se tenha como gozar de outro modo - já que o aparelhamento da fantasia permanece -, existe a possibilidade de outras coisas, incluindo algumas novidades.

A repetição que estamos tomando como modelo, até então, é a repetição edípica. Ela define esse modo de manter a crença na existência da relação sexual, exatamente por manter sua possibilidade no futuro, dito de outro modo: que seja falha agora, mas um dia será bem-sucedida. É a crença no retorno ao Éden perdido - basta encontrar as corretas ferramentas fálicas junto ao Pai.

### ***Tique e automaton***

Podemos, porém, pensar a repetição em um sentido maior, a do senso comum, por exemplo, como qualquer coisa em que se possa definir um padrão. É a demanda de muitos analisantes a de encontrar um padrão para livrarem-se dele. Podemos encontrar nesse padrão a estrutura da repetição fantasmática como vista até aqui. Podemos, em outros casos, tomar a repetição de outro modo. Caminharemos com as regras da fantasia ou imaginaremos que outros modos de definir regras são possíveis.

De fato, no próprio *Seminário 11*, Lacan, ao tratar do tema da repetição, propõe um modo de trabalho mais aberto do que até então havia apresentado. Ao opor os termos retomados de Aristóteles - *automaton* e *tiquê* - ele apresenta uma proposição relativamente distinta da repetição neurótica, abordando a repetição em relação ao acaso.

Tendemos a opor os termos Aristotélicos: De um lado, um sistema de regras, de outro, a possibilidade de ocorrer o inesperado; de um lado a rotina, o cinza das horas da obrigação e de outro a verde árvore da vida e da paixão. De um lado a cabeça e de outro o coração? Ora, se fosse para acatarmos essa dicotomia platônica, ou pior, romântica, para quê Lacan, Freud e Aristóteles?

O importante para Lacan é opor dois modos pelos quais o inesperado irrompe em um sistema de regras. Um deles é o do recalque: o do improvável que, por mais que seja raro, acaba sendo uma forma nova de encontrar o real sempre no mesmo lugar. O outro é o da surpresa do real como efração com relação ao sistema de regras que o desorganiza. É o acontecimento do impossível.

Seguindo a proposta de Lacan, leremos então dois acasos: a cada vez que o acaso surgir como improvável, mas pensável, transtornando o sistema de regras sem, contudo, rompê-lo, será *automaton*. O termo traduz tanto o sistema de regras, sem o qual não existe repetição, quanto o modo de surpresa relativamente prevista por esse sistema. Já quando o que surge é o impossível e o sistema de regras é destruído – em termos -, exigindo reconfiguração, será *tiquê*. *Automaton*, no plano das regras e do improvável; *tiquê*, no plano do impossível das regras.

Mas atenção, ambos só existem dentro da linguagem, seja de sistema significativo ordenado, a língua, seja em um sistema mais aleatório, *lalíngua*.

Essa trinca, dos dois tipos de acaso e o sistema de regras, pode ser entendida unicamente no plano da fantasia neurótica ou não. Essas regras, em seu último ensino, são articuladas como aquelas que não são necessariamente as da fantasia. A cada caso, será preciso perceber como o que não tem sentido se repete e, às vezes transborda as leis da repetição.

A partir daí será possível para Lacan propor a possibilidade de uma pluralidade de marcações que só se transformam em um sistema de regras quando compostas. É quando, no lugar de rede de significantes da língua, lida-se com um enxame de marcações aleatórias do Outro fixadas aleatoriamente no corpo, *lalíngua*.

Neste plano, é possível pensar um “real sem lei” que não é nem transgressor ou revolucionário ou mortífero, apenas um real que força, do exterior, o sistema de regras. Neste sentido ele não se repete porque é sempre o mesmo. É para isso que Miller cunha o termo *iteração*<sup>3</sup>.

Ao trabalharmos essa dimensão mais radical e ambiciosa da repetição, a questão que surge é se há a possibilidade de ela ser aplicada nos sujeitos regidos pelo recalque, subvertendo o próprio conjunto de regras de uma análise, ditado pela transferência. Ou, ao contrário, se o sistema de regras que rege uma análise terá que ser implodido ao ser forçado por esse impossível que provoca reconfiguração.

---

<sup>1</sup> Lacan, L. (1988). O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 56-57.

Passagem na íntegra: *Esse real, onde o encontramos? É, com efeito, de um encontro, de um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu - de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole. É por isso que pus no quadro algumas palavras que são para nós, hoje, referências do que queremos avançar. Primeiro a tiquê que tomamos emprestada, eu lhes disse da última vez,*

---

*do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por encontro do real. O real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do autômaton, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz - a expressão nos diz bastante sua relação com a tiquê - como por acaso. É no que nós, analistas, não nos deixamos jamais tapear, por princípio. No mínimo, apontamos sempre que não é preciso nos deixarmos pegar quando o sujeito nos diz que aconteceu alguma coisa que, naquele dia, o impediu de realizar sua vontade, isto é, de vir à sessão. Não há que tomar as coisas ao pé da declaração do sujeito - na medida em que aquilo com que precisamente temos que trabalhar é com esse tropeção, esse físgamento, que reencontramos a todo instante. É este o modo de apreensão por excelência que comanda a nova decifragem que demos das relações do sujeito com o que faz sua condição. A função da tiquê, do real como encontro - o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso - se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção - a do traumatismo.*

<sup>2</sup> Miller, J-A. (1998). O osso de uma análise. Salvador: Agente.

<sup>3</sup> Miller, J-A O ser e o um (2011). Seminário de orientação lacaniana, inédito.

Fragmento sobre o termo “iteração: Evidentemente, isso muda por completo quando damos um conteúdo de gozo à repetição. Se lhe damos um conteúdo de gozo, se é dele que se trata na repetição, então o próprio termo cadeia é inapropriado porque não se trata mais de uma sucessão que se conta e se adiciona – eu o evoquei da vez passada -, trata-se de uma reiteração. Isso é o que podemos chamar de pura repetição, a reiteração do Um de gozo para a qual, hoje, tivemos de inventar, promover o termo adição (30 de março de 2011).